

Dostojewskij e o judaismo.

A Editora Inselverlag publicou ha pouco livro perturbador de Felix Philipp Ingold, sob o titulo epigrafado. O livro e perturbador por duas razoes diferentes. A primeira e que o autor conseguiu, gracias a leitura minuciosa dos textos dostojewskianos e gracias a confrontacao de tais textos com o seu contexto, fazer a demonstracao do fanatismo surrealista que o odio aos judeus pode alcançar em pensadores religiosos. A segunda razao da inquietacao provocada pelo livro e que o autor procurou defender Dostojewskij da acusacao de antisemitismo: como pode ser antisemita quem reafirma constantemente sua afinidade com o judaismo? Pois o autor conseguiu o o-posto do por ele intendido: mostrou que o antisemitismo e precisamente uma das manifestacoes de tal afinidade. Neste artigo resistirei a tentacao de tratar do primeiro aspecto do livro. Embora a tentacao seja grande: Ingold mostra como pensador tao profundo como e e Dostojewskij retorcer sua razao, sua honestidade e seu engajamento em valores nobres, afim que sirvam a desrazao, a mentira e a deshumanidade, e como retorcer tudo isto precisamente porque tenta mergulhar em tais regioes obscuras e sinistras. Resistirei no entanto a acompanhar Dostojewskij em sua viagem rumo ao abismo do odio aos judeus, (e de si proprio), viagem que nada tem em comum com o antisemitismo chao dos seus contemporaneos russos, a nao ser certos aspectos do seu discurso pamfletista. O antisemitismo de Dostojewskij e para o antisemitismo dos pequenos burgueses alemaes como o cristianismo de Teresa de Avila e para o cristianismo das seitas americanas. Mas resistirei a tudo isto, e limitarei o presente artigo a consideracao do segundo aspecto do livro, por ser ele tao fascinante, por ele fazer com que a cabeçogire tao violentamente, que o primeiro aspecto empalidece perto disto.

Ingold mostra que para Dostojewskij o judaismo e sobretudo problema religioso, e somente depois tambem problema economico, social, cultural e politico. Para ele os judeus sao sobretudo o "povo de Deus" e a "luz dos povos". E tal visao sua e, para ele, insuportavel. Insuportavel por duas razoes aparentemente opostas. E insuportavel, porque se opoe a sua fe no povo russo enquanto portador da salvacao da humanidade. E e insuportavel, porque se opoe a experiencia concreta que Dostojewskij tem dos judeus. A primeira contradicao e insuportavel, porque a mera existencia do povo judeu problematiza a "missao" do povo russo, e com isto a propria "identificacao" de Dostojewskij. Se ha judeus no mundo, qual e a razao de ser de Dostojewskij, este judeu de segunda ordem? A segunda contradicao e insuportavel, porque se os judeus se comportam como se comportam segundo a experiencia dostojewskiana, (se, em vez de serem santos, sao usurarios), como e possivel crer-se em missao Divina? Se ate judeus vivem vida pecaminosa, como pode esperar Dostojewskij, este judeu de segunda ordem, viver vida santa? Dostojewskij e antisemita, porque e insuportavel que existem judeus, e que os judeus sao como sao, e isto e insuportavel porque ~~некстати~~ impede Dostojewskij de ser ele mesmo: judeu de segunda ordem.

O problema religioso posto pelo judaismo e problema para cristao profundamente crente como o e Dostojewskij, nao para judeu. De maneira que pouco importa que a visao dostojewskijana no judaismo seja enganada do ponto de vista judeu.

O que importa e que seja visao correta do ponto de vista do cristianismo: Quando Deus, em Seu amor infinito da humanidade, assumiu sobre Si os pecados do mundo, nao e que se encarnou simplesmente em "um homem", mas tornou-se judeu. Nao simplesmente um homem qualquer, um especimen indefinido da especie "homo sapiens": Deus tornou-se pessoa historica concreta, rabino talmudista da epoca do helenismo. A incarnacao Divina, este evento perfurador da historia, nao ocorreu "in vacuo", mas irrompeu em historia especifica, na do judaismo. Pois este fato o cristao crente deve assumir, e para que o assuma, o Credo afirma: "sub Pontio Pilato".

Mas o cristao crente nao pode assumir este fato. Trata-se de desafio que ultrapassa suas forcas. "Imitatio Christi" nao significa, assumido tal fato, simplesmente seguir determinado modelo abstrato chamado "Christo". Significa procurar seguir na vida quotidiana o modelo da vida de Jesus, essa pessoa historicamente concreta. Significa procurar tornar-se, entre outras coisas, rabino. Tornar-se "novo homem" significa tornar-se, entre outras coisas, judeu. Pois isto ultrapassa as forcas do cristao crente, porque se opce ao seu condicionamento mais profundo, historico, cultural, social, inclusive biologico. Mas isto nao e tudo. "Tornar-se judeu" ainda seria possivel, se nao existissem judeus. Mas existem, e sao precisamente aquelas pessoas que se recusam, obstinadamente, serem cristaos. De maneira que "tornar-se judeu" significa, para o cristao, tornar-se como o sao aqueles que se recusam ao cristianismo. Nao se pode ser cristao sem se ter tornado judeu, mas nao se pode querer tornar-se judeu, porque os judeus nao querem ser cristaos. De modo que, por desespero, o cristao crente passa a ser antisemita: a existencia dos judeus o impede a seguir o modelo do Christo. E precisamente por causa da sua afinidade desesperada com os judeus que o cristao se torna antisemita. Ingold o demonstra, contra sua propria intencao, no caso de Dostojewskij. Mas o mesmo pode ser demonstrado em casos menos nobres, inclusive no caso de Hitler.

E claro que o antisemitismo dostojewskijano, (como todo antisemitismo), tem tambem aspectos proprios ao especo e ao tempo. E, tambem, antisemitismo russo da segunda metade do seculo 19. Como tal, pode ser "explicado" economica-, cultural- e socialmente. Tais "explicacoes", (como a arendtiana), sao importantes. Revelam as funcoes inconfesses do antisemitismo. Mas tais "explicacoes" nao atingem o nucleo do problema, nucleo que Ingold conseguiu mostrar tao nitidamente no seu livro. saber: que o cristao crente e incapaz de assumir o fato que, ao Deus incarnar-se, se tenha tornado judeu.

Pois tal pensamento causa vertigem sobretudo em judeu, como o e o autor do presente artigo. Vertigem da qual nao ha saida facil. Pouco adianta, conforme ja disse, que Dostojewskij tenha tido visao errada do judaismo. Pouco adianta que sua visao do cristianismo tenha sido sectaria, "russofila". Pouco adianta que suavizacao do povo russo tenha sido, no fundo, visao nao-crista. Pouco adianta que a ambiguidade dostojewskijana face ao judaismo, ao cristianismo e ao povo russo seja reveladora da ambiguidade dostojewskijana face a si proprio. Pouco adianta, em suma, querer "dostojewskizar" o problema. Porque a grandeza de Dostojewskij reside precisamente no fato de ter ele elevado seus proprios problemas

em problemas gerais, validos para todos, e com os quais somos chamados a confrontar-nos. Ingold mostra que em Dostojewskij um cristianismo refletido, sofrido e profundamente vivenciado leva a antisemitismo brutal, mortifero, e auto-destruidor, e isto e valido para todo um tipo de cristianismo.

Pois judeu que queira compreender o antisemitismo, isto e: que queira compreender o "outro" com o qual vive, e chamado a acompanhar a reflexao, o sofrimento e a profunda vivencia dostojewskijanos. Mas isto e desafio que ultrapassa as forcas do judeu tanto quanto ultrapassa as forcas do cristao o fato de Deus ter-se incarnado em judeu. E desafio insuportavel. A leitura dos textos de Dostojewskij citados por Ingold, com sua metamorfose dos judeus em animais nojentos, com sua violencia assassina e seu "amor-odio" racionalizado, e sofrimento insuportavel. Nao apenas depois de Auschwitz, que e reconhecido como um dos resultados do odio dostojewskijano. Mas sobretudo porque, em tais textos, Dostojewskij e porta-voz daquela cultura da qual brotam todas as seivas vitais do proprio judeu. Da cultura judeo-crista. De modo que o antisemitismo auto-destruidor de Dostojewskij tem por contra-partida a auto-destruicao do judeu.

Tal espelhar diabolico nao pode ser superado, e nao ser que as demais culturas, violentadas pela judeo-crista, venham a varrer, em sua justa ire, a nossa cultura da face da Terra. A contradicao diabolica se revela, no antisemitismo, como sendo a propria mola que propela a nossa cultura. De modo que o livro de Ingold, longe de ser mera critica literaria de um escritor e publicista russo do seculo passado, e, na realidade, uma entre as articulacoes apocalipticas que caracterizam a atualidade. Leitura extremamente "atual" portanto.